

Mariana Barbosa Cassiano

Gabriela Félix Brião

# No meio do caminho tinha um sonho, tinha um sonho no meio do caminho

Vozes da resistência: crônicas de  
estudantes da EJA

**No meio do  
caminho tinha  
um sonho,  
tinha um sonho  
no meio do  
caminho**

Vozes da resistência: crônicas de  
estudantes da EJA

**UERJ – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Centro de Educação e Humanidades (CEH)

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ)

Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB)

**Reitora:** Gulnar Azevedo e Silva

**Diretora do CAp-UERJ:** Monica Andrea O. Almeida

**Vice-diretora:** Deborah da Costa Fontenelle

**Coordenadora do PPGEB:** Maria Cristina Ferreira dos Santos

**Vice-coordenador do PPGEB:** Leonardo Freire Marino

**Coordenadora do Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração (NEPE):**

Juliana de Moraes Prata

Coordenador de Editoração: Alexandre Xavier Lima

**CONSELHO EDITORIAL**

Alexandre Xavier Lima

Andrea da Paixão Fernandes

Cláudia Hernandez Barreiros Sonco

Elizandra Martins Silva

**CONSELHO CIENTÍFICO**

Afranio Gonçalves Barbosa (UFRJ)

Aline Viégas Vianna (CPII)

Angélica Maria Reis Monteiro (U.PORTO)

Daniel Suarez (UBA)

Edmea Santos (UFRRJ)

José Humberto Silva (UNEB)

Marcelo Moreira Antunes (UFF)

Marcus Vinicius de Azevedo Basso (UFRGS)

Rogério Mendes de Lima (CP II)

Sílvia Rodrigues Vieira (UFRJ)

Waldmir Araujo Neto (UFRJ)

Walter Silva Junior (EAUFPA)

**No meio do caminho tinha um sonho, tinha um sonho no meio do  
caminho. Vozes da resistência: crônicas de estudantes da EJA**

Mariana Barbosa Cassiano

Gabriela Félix Brião

Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração - NEPE

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAP-UERJ

Programa de Pós Graduação de Ensino em Educação Básica



Rio de Janeiro

2024

## **No meio do caminho tinha um sonho, tinha um sonho no meio do caminho. Vozes da resistência: crônicas de estudantes da EJA**

**Áreas:** Educação Matemática. Etnomatemática. Educação Matemática para justiça social.

**Público-alvo:** Professores e estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio

### **Autoras:**

**Mariana Barbosa Cassiano** - Professora da rede privada de ensino.

**Gabriela Félix Brião** - Professora Associada do Departamento de Ciências Ambientais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (DEPCAMB/UERJ).

### **Ficha catalográfica:**

#### CATALOGAÇÃO NA FONTE

C345 Cassiano, Mariana Barbosa

No meio do caminho tinha um sonho, tinha um sonho no meio do caminho: vozes da resistência: crônicas de estudantes da EJA. / Mariana Barbosa Cassiano, Gabriela Félix Brião. – Rio de Janeiro: CAP-UERJ, 2024.  
50 p. : il.

Produto educacional elaborado no Mestrado Profissional do PPGEB/CAP/UERJ.

ISBN: 978-65-81735-46-3

1. Matemática - Educação e Ensino - Teses. 2. Educação de Jovens e Adultos. 3. Justiça Social. I. Brião, Gabriela Félix. II. Título.

CDU 371:51

UERJ/REDE SIRIUS/CAP/A

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese/dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

A todas as Elianes, Gleides, Vilmas, Denises, Claudias, Patricks, Robsons, Sidneys, Claudionores, Carlos e Genils.

A todas e todos os estudantes da EJA, cujas vozes e experiências iluminaram estas páginas, assim como aos inúmeros outros que, mundo afora, continuam a escrever suas próprias histórias de coragem e superação. Que cada história compartilhada inspire novas narrativas e fortaleça a voz daqueles que buscam, entre inúmeros direitos, o direito de serem estudantes.

*A vila não quer abafar ninguém  
só quer mostrar que  
faz samba também.*

Noel Rosa

# Sumário

Apresentação .....	8
Primeiras palavras .....	11
O teorema de Dona Eliane .....	14
A identidade .....	19
Eu sei por que tá escrito .....	21
Como que estuda assim? .....	23
Um caminho de coragem .....	25
O limite de dona Gleide .....	30
Carta de uma futura escritora de cartas .....	32
O relógio não para .....	34
Sinônimo de amizade é .....	36
Que matemática é essa? .....	38
Uma família chamada EJA .....	42
O pedido de uma neta .....	44

# Apresentação

Sejam bem-vindos ao universo singular das crônicas que compõem este livro. Em “No meio do caminho tinha um sonho, tinha um sonho no meio do caminho. Vozes da resistência: relatos de estudantes da EJA” mergulhamos nos detalhes aparentemente comuns do cotidiano desses estudantes, seus anseios, sonhos e barreiras, revelando suas histórias que muitas vezes passam despercebidas.

No desenrolar destas páginas, descubra um universo de vozes que ecoam resistência, sonhos e experiências singulares. Convidamos o leitor a passear pelas histórias inspiradoras aqui apresentadas, narradas com a autenticidade de quem caminha pela estrada da vida com coragem e determinação.

Cada crônica é um convite para uma jornada individual, uma oportunidade de se conectar com as experiências e reflexões comuns da vida, potencializadas pelo desejo de reencontrar-se como indivíduo através da Educação e assim lutar por uma melhor condição de vida. É na simplicidade de um momento que encontramos as nuances mais profundas da existência.

Esse trabalho é um Produto Educacional produzido no âmbito de um Mestrado Profissional vinculado ao Programa de Pós-graduação de Ensino em Educação Básica (CAp-UERJ), associado à Linha de Pesquisa Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio – EF II – EM.

Os relatos apresentados foram colhidos a partir de entrevistas semiestruturadas realizada na Escola Municipal Vereador Orlando Hungria, localizada em Nilópolis, Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense. Foram realizadas entrevistas com onze estudantes da Educação de Jovens e Adultos de diferentes idades e seriações. A partir destes diálogos geramos este livro de crônicas que hoje se apresenta como relatos de resistências dos estudantes da EJA.

Prepare-se para explorar narrativas que celebram a vida, nos emocionam, nos instigam e revoltam, mas sobretudo, nos levam a refletir que as portas para uma educação de qualidade e para todos devem estar sempre abertas, não apenas como um lugar de refúgio, mas como espaço de visibilidade que ecoa e conta histórias por se fazer um com todos os seus estudantes.

Que estas crônicas sirvam como fonte de inspiração, convidando-os a observar e refletir sobre os pequenos momentos do cotidiano. Mais do que isso, que elas os instiguem a defender a Educação de Jovens e Adultos como um espaço de resistência e militância. Um território que merece ser protegido em toda a sua complexidade, como um ambiente de pertencimento para todos aqueles que, em idade avançada, decidem exercer o seu direito de retornar aos estudos.

Prontos para mergulhar em relatos que celebram a diversidade e a força de cada estudante que ousou sonhar no meio do caminho?

Boa leitura!

Mariana Barbosa Cassiano

Gabriela Félix Brião

# Prefácio

Esse livro de crônicas é muito mais que um Produto Educacional... É muito mais que falar da Matemática como ciência exata e construída ao longo dos tempos... Se configura maior que o resultado de uma pesquisa de campo... É muito mais que adicionar ideias, dividir conhecimentos, diminuir o cansaço do tempo e do cotidiano e multiplicar amizades...

Nas páginas a seguir pode-se encontrar a expressão mais pura da vivência, da valorização da vida e do conhecimento, do exemplo, do que não se quer mais ser e do sonho que se sonha junto ao se buscar novos horizontes.

Além disso, pode se encontrar: novos teoremas, resolução de problemas, as dificuldades pela ausência do saber científico e escolar, a vergonha pela distância dos bancos escolares, a persistência, a determinação, a consciência do pertencimento e da cidadania, a violência psicológica, o acolhimento de pessoas e ideias... Resumindo, vidas!

É incrível perceber o quanto os sujeitos da EJA vão se reconhecendo como autores de diferentes Matemáticas, ao mesmo tempo em que acolhem diversas ideias alheias às suas, sejam estas de outros alunos ou dos docentes. Percebe-se o quanto o segmento, em muitos momentos, tão relegado e vítima de pouca valorização e investimento, se torna fundamental para a sobreVIVÊNCIA de seus indivíduos, fonte novas perspectivas e é percebido como um sopro de VIDA!

Nessas páginas pode-se deparar com a materialidade dos escritos de Paulo Freire e de Ubiratan D'Ambrosio, por exemplo, quando se fala de tomada de consciência social, de compartilhamento de saberes, de diálogo, de respeito a pluralidade de ideias, de compreender o processo de aprendizagem como contínuo, levando-se em consideração o passado, o presente e vislumbrando mudanças no futuro.

Cada história demonstra encantamento, inspiração e emoção! Convido ao leitor a se deliciar com a escrita delicada e envolvente, que valoriza todas as experiências e as pessoas que as vivenciaram, atribuindo um olhar de respeito, de empatia, de admiração e amor pelo ser humano e pela Educação.

Andreia Passos

Professora dos Anos Iniciais do Colégio Pedro II

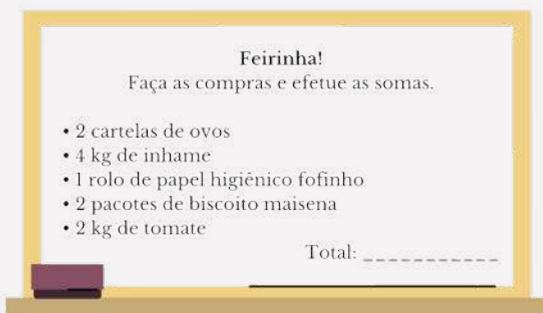
# O teorema de Dona Eliane

Era uma quarta-feira e toda quarta-feira tem aula de Matemática! A professora sempre traz uma atividade diferente para a turma, jogos, trabalhos em grupo, materiais manipuláveis... Mas hoje ela trouxe encartes de jornais de supermercado. Imediatamente os estudantes começam a questioná-la sobre o material. “Vamos às compras hoje, professora?”, “Eu já vi esse encarte, fui lá ontem, mas não tinha muita coisa boa não”, “É porque você tem que saber procurar e ver os descontos, não dá pra comprar assim não”, entre outros diálogos que meus ouvidos não conseguiram captar em meio às conversas.

Com sorriso no rosto como quem está preparando uma grande surpresa a professora fala:

– Vou escrever a atividade no quadro, não deixem de copiar, hein! – disse a professora.

Após colocar a atividade no quadro era possível ler:



- Bom pessoal, hoje nossa primeira aula é de matemática. Estão vendo isso aqui na minha mão? São encartes de supermercado. A partir desse encarte eu quero que vocês façam compras e digam para mim quanto vai sair o valor final dessa compra. – disse a professora logo após escrever a atividade no quadro.

Enquanto os alunos copiavam do quadro, entusiasmada, a professora se sentou ao meu lado para relatar o objetivo principal da atividade que era trabalhar o conceito de números decimais e o princípio multiplicativo. Brinquei com ela dizendo que o cálculo mental seria fortemente utilizado nesta atividade, pois todos os estudantes ali já estavam relatando como costumam fazer as suas contas ao ir ao mercado. Alguns até sinalizavam dizendo que a melhor parte da semana era ir aos mercados para ver onde o preço estava mais “em conta”. Ela riu, pois a ideia era basicamente essa, deixá-los usar seus próprios artifícios para a solução do problema apresentado e trocar essas experiências com a turma. No final, eu acredito que quem aprenderia mais seríamos justamente a professora e eu.

Dona Eliane uma senhora de 68 anos pediu minha ajuda em um determinado momento da atividade. Fui até sua mesa e ela me questionou:

– Minha filha, vê se está certo. Eu tenho que encontrar quanto vai sair 4 quilos de inhame e o quilo tá R\$ 4,89. Quatro vezes quatro eu sei que é dezesseis, mas como eu acho essa parte aqui? – dizia dona Eliane enquanto apontava para os oitenta e nove centavos.

Imediatamente sugeri a dona Eliane que multiplicasse  $4 \times 4,89$ , mas ela logo me informou que não estava multiplicando, que isso ela não sabia ainda muito bem, mas que na verdade estava somando os resultados.

– Quatro mais quatro é oito, oito mais oito, dezesseis. Pronto *já tá*. Mas e esses oitenta e nove aqui? Pode usar calculadora que a *prof* falou não? – disse ela.

– Acredito que não dona Eliane. A senhora tem que contar para saber quanto vai gastar. – falei enquanto olhava para o caderno tentando pensar em alguma forma de ajudá-la.

Nem foi preciso...

– Hum... Então eu vou dividir em partes. Eu sei que 4 vezes 4 é 16, então vou calcular as outras partes assim também. – disse confiante.

– Tudo bem. – completei enquanto ainda tentava entender o que ela iria fazer.

Nesse momento, admito, caro leitor, eu só me sentei em uma cadeira próxima a dona Eliane e me pus a apreciar a aula de matemática que teria naquele momento.

– Agora tenho que achar 0,89 vezes 4. Tá bom. Oitenta mais oitenta é um e sessenta, um e sessenta mais um e sessenta é três e vinte. Três e vinte mais os dezesesseis lá do início dá dezenove e vinte. Prontinho. Uma parte já foi. Agora os nove centavos. Nove mais nove é dezoito, dezoito mais dezoito é trinta e seis. Trinta e seis centavos! Somando lá dá dezenove e vinte mais trinta e seis centavos dá dezenove e cinquenta e seis. Pronto é isso? – vira dona Eliane para mim com os olhos gigantes esperando um sinal de aprovação da sua conta.

E eu sem qualquer tipo de reação tamanha a rapidez em que ela fez a operação só consegui dizer:

– É sim, dona Eliane.

Depois disso foi só celebração e festa:

– Eu sabia! Eu sou muito boa em conta de mercado. Viu, fiz direitinho! Olha professora eu fiz sem usar calculadora. Só o que eu fiz foi usar meus pensamentos de mercado. – dizia dona Eliane toda contente.

Na minha cabeça eu só conseguia pensar que essa havia sido a aula de matemática mais bonita que já tive em minha vida. Não foi a sua também não? Cinco segundos e a calculadora nos traria o resultado, mas perderíamos toda a dedicação de quem não conta por contar, mas conta como superação de obstáculos e com felicidade.

Tal como inúmeros teoremas pelo mundo este também precisa de um nome para ser eternizado. Podemos batizá-lo, então?

## *O teorema de Dona Eliane.*

O que acharam?

Acho que esse é um nome bonito para um teorema cuja dona tem muito amor pela vida e como puderam perceber muita determinação pelo que faz e como faz. O teorema de Dona Eliane... Que se eternize assim como nossa personagem se eterniza por ser a imagem do que é aprender na educação de jovens e adultos. Aprender é trocar. É compartilhar. Ser e transmitir com entusiasmo e alegria.

# A identidade

Sabe minha filha eu tive essa vontade de voltar a estudar porque eu fui tirar a minha identidade, né? Eu tinha uma identidade muito velhinha, na época eu não sabia escrever o meu nome aí eu coloquei o dedo. Como ela era muito velhinha eu fui tirar uma nova para mim. Quando eu cheguei lá o moço falou assim pra mim:

– Olha a senhora sabe escrever seu nome? – disse o atendente.

– Mais ou menos, moço. – respondi.

Aí ele disse que se eu não soubesse ele teria que colocar na minha identidade aquele nome que põe quando a gente não sabe ler e nem escrever, acho que é *analfabeta*.

– Analfabeta, dona Eliane?

– Isso, isso mesmo minha filha. Analfabeta.

Eu tratei logo de responder a ele:

– Nãooooo! Não! Não vai colocar isso na minha identidade não! Eu já sei o que vou fazer. Volto pra casa e vou estudar, aí quando eu souber escrever eu volto aqui. Mas essa palavra eu não quero na minha identidade.

É claro que eu fiquei um pouco triste, porque queria muito tirar minha identidade nova. Mas eu tratei logo de pensar “Vou estudar!”.

Aí eu falei pro moço:

– Moço precisa fazer minha identidade agora não, não quero fazer agora não, tá?

Aí eu voltei pra escola. Não foi lá muito fácil. Eu tive que ir em vários lugares até porque eu não sabia como começar a estudar. Como já estava mais velha achava que não seria fácil. Mas muita gente me ajudou, sabe, minha filha?

Foi quando eu comecei a estudar, treinar, fazer o meu nome direitinho. Quando eu voltei lá pra fazer minha identidade eu já coloquei meu nome todo, certinho. Aí eu gostei, continuei estudante, não desisti e nem quero.

**Eu vou até o final.**

# Eu sei por que tá escrito

Andar de ônibus não é fácil. Andar de ônibus sem saber ler então... Nem te falo. Por isso que aprender é uma coisa boa. Muito boa mesmo. Eu já passei por uma situação dentro de ônibus muito difícil por não saber ler.

Às vezes eu queria ir para uma cidade, mas não sabia o nome da rua que eu deveria ir. Mas estava tudo escrito no papel que eu levava comigo. Pedi ao motorista que ele lesse o que estava escrito no papel para me orientar em que lugar deveria descer.

– Ou eu dirijo bem ou eu leio o seu papel. Aqui atrás tem muita gente e eu não posso parar o ônibus pra ler isso. Tenho que prestar atenção pra frente, se eu olhar pro papel posso bater e atropelar alguém. – disse ele enquanto virava o rosto para mim.

Olha a situação gente! Eu já passei por cada sufoco por não saber ler.

Hoje não! Hoje, por exemplo, tem um ponto de ônibus aqui na frente, ali na frente do bar, depois da loja de doces. O ponto de ônibus é ali e passa vários ônibus. Passa o ônibus de Nova Iguaçu para a cidade.

Se eu estiver ali posso pegar um ônibus para ir para Madureira, Cascadura, para Central... Eu leio tudo! Eu já sei... Eu não vou mais pegar o ônibus errado.

Quando ele vem eu já *tô* lendo. Quando ele vai se aproximando do ponto eu já *tô* lendo, já *tô* sabendo para onde é que ele vai.

Vocês estão me entendendo? Antigamente não era assim, não. Agora eu passo na rua, andando, eu passo por aquelas plaquinhas de “vende-se”, “aluga-se” ... Tudo isso eu leio. Olha só que maravilha!

Eu não sabia nada disso, não sabia.

Quando eu vou pro ponto de ônibus e fico sentada esperando um deles passar, eu olho pra frente e tem um salão de festas. Eu já li aquilo mais de 10 vezes... “salão de festas” ...

Gente aquilo ali é um salão de festas, eu não sabia, quantas vezes eu me sentava ali pra pegar o ônibus sem saber que aquilo era um salão. Hoje eu sei por que tá escrito!

Se eu quiser ir para Madureira, Cascadura, eu sei o ônibus. Tudo eu sei *se eu lê*. Eu sinto que na minha vida depois que eu passei a estudar está só melhorando, tudo tá só melhorando. Cada dia que passa!

# Como que se estuda assim?

Da licença agora pra eu contar a minha vida e o motivo de não ter estudado antes. Eu não estudei mais porque eu não tive oportunidade. Você sabe o que é isso? Eu nunca tive, tô tendo agora, porque eu sou teimosa. Mas no meu tempo de jovem, de criança, minha mãe nunca foi num colégio pra fazer matrícula para a gente não.

– Estudar pra quê? Pra fazer bilhetinho pra namorado? Vai pra roça capinar. – era o que meu pai dizia sempre que o assunto escola surgia.

Eu até já tive contato com a escola, mas naquela época não aprendi nada. Porque, olha, a roça era aqui e a minha escola era como se fosse a duas horas daqui. E eu ia a pé. A pé, viu? No meu tempinho de mocinha eu trabalhava o dia todo, o dia inteirinho e depois ia. Era mato de um lado, mato do outro e aquela estradinha no meio pra chegar na escola.

Minha mãe tinha uma casa na cidade onde era o colégio e eu morava na roça. Eu saía do roçado correndo pra ir pra escola e chegar a tempo. Chegava suada na cidade, tomava um banho com aquela vontade de aprender. Tomava um banhinho e ia pra escola.

Eu tinha lá meus 13 anos nessa época. A escola era tão pobrezinha, tão humilde que a gente tinha que levar banco de casa. Porque nem banco a escola tinha e um pratinho pra hora do recreio, sabe? Como que eu ia aprender assim, gente? Não tinha como... Não tinha condição de aprender.

Depois de tudo isso eu voltava pra casa no mesmo caminho. Era uma estrada longa. No interior da Paraíba. Eu não tive chance de aprender, eu nunca tive chance...

Eu não tive chance, tô tendo chance de estudar agora. Aí eu peguei essa chance, segurei e disse, vai ser agora que eu vou aprender porque ninguém vai falar pra mim que eu não posso ir à escola. De jeito nenhum. Agora eu tenho chance de aprender. Já que no meu tempo de solteira eu não tive chance, entendeu?

Eu venho da Paraíba, de João Pessoa. Vim pra cá com 14 anos.

**Minha história é essa...**

**O resto dela eu ainda estou construindo.**

# Um caminho de coragem

Não era fácil, admito. Eu não sabia ler direito e tinha conseguido um emprego como cozinheiro. Olha a honra de poder trabalhar fazendo o que gosto. Não saber ler não poderia ser um empecilho, mas como que eu ia memorizar os pratos, saber fazer cada receita e o que usaria em cada um dos pratos se eu não sabia ler? Eu ia dar um jeito. Tanto ia, que dei.

Tive a ideia de levar o cardápio pra casa e pedir a minha esposa para ficar lendo o cardápio para mim enquanto fazia cada uma das refeições. Eu calculava e marcava o tempo que cada coisa levava para ser feita. Ela lia a receita e eu ia marcando na minha mente o tempo de cada coisa e no final numerava os pratos.

As refeições pra mim não tinham nomes, elas tinham número. Eu não falava o nome dos pratos, eu ia numerando eles ao decorrer do dia pra saber o que era para ser feito nele. E assim eu não me perdia. Eu podia até não saber ler, mas quando alguém falava o nome do prato eu já sabia o que era para ser feito.

Os garçons que trabalhavam comigo no restaurante falavam o nome do prato e os itens que iam em cada um deles, e eu já sabia imediatamente o que era para ser feito. A montagem do prato... o que tinha que colocar... Tudo!

Até o próprio chefe de cozinha falava comigo:

– Cara você pegou tudo muito rápido.

Hoje eu fico olhando e lembrando que tudo isso foi uma coisa muito boa, uma experiência que eu não quero nunca esquecer. O dono do restaurante foi uma pessoa que me ajudou muito, me deu oportunidades que eu achei que não poderia ter por causa da minha falta de formação.

Um dia ele me perguntou por que eu levava o cardápio pra casa todos os dias.

– Eu tenho os pratos para serem feitos por número. – respondi a ele.

– Como assim se no cardápio vem o nome? – ele respondia.

– Quando o senhor chegava pra mim e falava, por exemplo, eu quero uma costeleta com molho não sei de quê, eu já sabia o que era o acompanhamento do prato, qual era o tempero e molho que tinham que ser colocados. Eu já sabia isso tudo. Só quando tinha alguma mudança que eu tinha que parar para ver melhor, mas era uma coisa boba. – contei para ele.

Quando comecei a trabalhar no restaurante ninguém imaginava que eu não sabia ler e nem escrever. Os primeiros dias com o chefe de cozinha carregou comigo como uma lembrança feliz. Ele fez um teste comigo e no final disse:

– Rapaz... o dom que você tem faculdade nenhuma vai te ensinar.

Mas aí eu fiquei com medo. Cheguei em casa e conversei com a minha esposa sobre a situação:

– Poxa, eu vou passar a cozinhar agora, mas o chefe de cozinha não sabe que eu tenho essa dificuldade.

– Chega perto dele e fala. Já que ele se sentiu tão à vontade com você, acho que vale a pena você contar para ele. – ela me respondeu confiante de que daria certo.

Certo dia, cheguei perto dele e falei que queria conversar.

– Tudo bem, na hora do almoço a gente conversa, mas eu já sei o que é. – ele me respondeu.

E, sorrindo, completou dizendo:

– Já sei o que é, mas nem pelo que você me disser você vai deixar de cozinhar aqui.

Aquelas palavras me preencheram de uma forma tão grande que eu só sabia pensar:

– Meu Deus do céu, uma pessoa que já tem uma formação me viu como uma pessoa importante e essencial para o trabalho dela, como nenhum lugar me viu. – pensava, alegre.

Chegando a hora da nossa conversa ele se adiantou e me disse logo:

– Genil, você não precisa nem me dizer, você não tem muito estudo não, né?

– Não tenho nenhum, seu Jorge. – respondi prontamente a ele.

– E o que está faltando para você buscar? – ele continuou me perguntando.

– Eu acho que coragem...

– Mas a coragem está dentro de você, meu filho, só basta você lutar para encontrar ela. Se depender de mim ninguém vai descobrir, mas você precisa fazer alguma coisa se isso te incomoda.

Depois disso eu fiquei 10 anos trabalhando lá, mas quando saí deixei pra lá. Eu tinha muitos compromissos em casa, me acomodei e parei de estudar. Eu não tinha uma pessoa que falasse pra mim “você vai parar de trabalhar e vai estudar, o que você tem que fazer agora é estudar”. Eu não tive isso. A responsabilidade era sempre maior e a fala era “você tem que trabalhar pra sustentar a casa”.

Mas depois de um tempo isso voltou a me incomodar. Foi quando eu adquiri a coragem que tanto me faltava. Eu precisava retornar pra escola. Precisava fazer isso por mim. Não era pelos meus filhos, não era pela minha esposa, mas eu precisava me sentir bem. Não só pelo sonho de cursar uma faculdade de gastronomia ou ser um dia um chefe de cozinha em um restaurante, mas a maior pauta foi “eu preciso voltar para me sentir bem”.

E aqui estou.

Lutando cada dia uma nova luta enquanto escrevo uma nova palavra e leio um novo verso que a professora põe no quadro.

**Fazendo por mim e conquistando muito mais do que um dia eu sonhei.**

# O limite de dona Gleide

Era um dia de muita chuva, cheguei atrasada na sala de aula e a professora já havia começado a escrever a aula de hoje para os estudantes. Aula de matemática e o nome de duas alunas no quadro estampando a questão abaixo:

*O limite do cartão de crédito da Gleide é 10 vezes maior do que o da Aucilene. O limite da Aucilene é de R\$230,00. Qual o valor do limite do cartão de crédito da Gleide?*

Lembro da alegria delas quando viram seus nomes no quadro. Aumentou quando o tema abordava um possível cartão de crédito que elas teriam.

– Eu recebo hein, senhor. – comemorava Gleide enquanto levava a turma a gargalhada.

Não importava se falávamos de dinheiro, de limite, se elas teriam esse valor em suas contas ou não, a alegria de ser personagem principal de uma história contada no quadro da sala de aula era o que bastava às nossas estudantes.

A curiosidade do momento era descobrir o limite de Gleide. Quanto ela teria para gastar?

– O limite da Gleide é R\$ 2300,00 professora. – disse um dos estudantes.

– Isso tudo de zero, meu Deus? Não tô acostumada, nem sei o que fazer com esse dinheiro. – respondeu a Gleide.

Depois de muito trabalho em equipe todos concordaram com o aluno que descobriu primeiro. Alguns foram somando dez vezes, outros multiplicaram o valor por dez, outros foram juntando de dois em dois e outros brincavam dizendo que o limite já vem no aplicativo do banco e que ela só precisaria olhar. Todos riem novamente.

A descontração toma conta da sala. Nesse momento todos querem um exemplo com seu nome ou contar suas experiências com cartões de crédito. Uma questão que visava trabalhar a multiplicação por 10, 100 e 1000 ganha caráter de reflexão. Todos querem trazer suas experiências, compartilhar com a turma e aprender. São adultos. Adultos com suas limitações, mas também cheios de responsabilidades e saberes.

Adultos que tem as suas próprias compreensões de mundo e que ao retornarem ao ambiente escolar desejam ser acolhidos nas suas dificuldades, necessidades, potencialidades, mas também no seu jeito de ser. E eu na simplicidade da minha pouca idade, aprendendo e anotando toda essa sabedoria em riqueza de detalhes.

# Carta de uma futura escritora de cartas

Já pensou poder tirar da cabeça, do nosso pensamento e colocar em um papel? Nossa eu não vejo a hora. Já disse pra professora, já disse para alguns colegas, até pra minha família eu já disse, no dia em que eu aprender a ler e a escrever... nossa... eu vou pôr tudo o que tem aqui dentro de mim e vou esvaziar. Sabe o saco de entulho quando a gente o joga em uma pilha de outros entulhos? Então, eu serei assim. Vou pegar uma folha de papel em branco do primeiro caderno que achar, uma caneta e vou pôr tudo o que tá preso aqui dentro, sabe. Depois disso eu vou dizer: Consegui! Aí vou soltar fogos, comemorar com todos. Por enquanto eu estou com dificuldades, mas logo, logo eu vou conseguir.

Aprender pra mim é tudo o que eu não sei. Conseguir ler uma placa, encontrar um endereço. Antigamente era mais fácil, hoje está muito difícil de pedir informação na rua, quase ninguém sabe para te ajudar. “Quem tem boca vai a Roma” eu sempre acreditei nesse ditado, mas hoje não está assim não. Já cheguei em lugares que eu não tinha a mínima ideia de que lugar era, mas eu tinha um papel escrito na mão com o endereço e sempre chegava lá.

Eu ia perguntando a um policial, em uma banca de jornal, enfim. Sempre tinha alguém para ler e me ajudar. Cada um me dava um pedacinho da direção e com bastante atenção eu chegava lá. Aprender é isso, né? Cada um te dá um pedacinho do que sabe e no final a gente forma o que é. Uma mistura das experiências que se uniram às nossas.

É lindo ver uma criança começar a aprender. Começar a juntar essas experiências e esses conhecimentos. Eu vejo pela minha neta, ela tem seis anos e já faz tanta coisa... eu fico muito orgulhosa.

Então aprender é uma coisa linda, é ouro que ninguém tira da gente. Já pensou em tirar daqui do coração e passar para o caderno? Depois você ler o que você escreveu?

**É muito bonito.**

**É muito bonito, eu acho.**

# O relógio não para

Tem muita gente desistindo de estudar mesmo sendo à noite. É uma pena, mas a gente entende. É muita correria. Quem trabalha lá embaixo é bem mais difícil. Quando eu vou trabalhar de manhã cedinho e volto quase na hora da escola eu olho umas duas... três vezes em direção à minha casa e penso se não é melhor eu ir descansar. Porque olha... é difícil. Mas aí eu penso “não, vou pra escola”. Mas é complicado. Não é nem pelo serviço, você acredita? São os transportes. É trem, é BRT. As condições dos transportes no nosso estado fazem a gente desistir de muita coisa.

Dentro das conduções é onde a gente perde mais tempo. Perdemos mais tempo nos transportes do que trabalhando. E fica pior quando tem acidente na pista. Nossa... Nossa cabeça fica a mil. E a gente tem que ser amigo do relógio porque ele não para. Tem que fazer muita conta pra não chegar atrasado e já tem que contar com tudo o que pode acontecer no meio do caminho. Tanto pra ir quanto pra voltar. E tem diferença de você ir em um transporte público ou dentro do seu carro, fazendo o seu itinerário. Se aquele caminho está ruim, você já sabe logo de manhã cedinho, se puder você já procura outra rota, já toma outra direção.

Mas e quando você depende do motorista? Nossa é muito difícil, viu? Quando você é passageiro de um trem, de um ônibus, você não pode mudar a direção. Você depende dele. Além de ter que contar o tempo da fila, o tempo esperando o transporte, o tempo dentro dele e só depois o tempo de trabalho. Aí quando chega a volta você pensa “nossa agora eu vou poder descansar”, que nada!

Você começa a pensar se vai estar do mesmo jeito que de manhã ou vai ter melhorado, se vai levar menos tempo, ou vai ser pior. E se você entra no trem, por exemplo, que é um meio de transporte mais rápido, você descobre que deu problema nos cabos ou que não tem sinalização, não tem isso, não tem aquilo. E se estiver chovendo... tudo para.

**Menos o relógio.**

**O relógio não para.**

## Sinônimo de amizade é...

Todo dia ele está lá. Patrick seu nome. Sentado na última cadeira do lado esquerdo do quadro. Alguns podem até pensar que seja para que sua presença não seja percebida em sala de aula. Mentira! Na verdade, ele gosta quando o notam. E também se faz notar. O mais novo da turma, nos belos dos seus 27 anos, já ocupa uma cadeira na EJA. Largou os estudos pra poder trabalhar. Diz ele que desde novo sempre gostou. Saiu da escola e foi atrás de serviço. Já foi lavador de carro, entregador, ajudante de pedreiro, trabalhou em farmácia e apoio logístico. De tudo um pouco. De pouco, tudo. Seu sonho agora que está mais velho é terminar os estudos e prestar concurso para a polícia de Pernambuco... Ah e se der tempo quer cursar faculdade de astronomia. Fala de seus sonhos com sorriso nos olhos de modo a fazer até quem estuda sonhar junto com ele. Seu dom é a amizade. Não adianta, todos na turma dizem isso. Não tem novidade que ele não traga pra sala de aula. E não partilhe. Ensinando colegas e até mesma a professora que se admira tamanha comunicação do aluno recém-chegado. Patrick é daqueles estudantes que sabe da sua importância para sala de aula e para a escola. Sabe que promove a diferença. Se dedica em aprender coisas novas não só para si mesmo, mas também para ajudar os outros colegas.

Pediram ajuda? Ele está prontamente disposto a ajudar. Todo lugar que chega é assim, desde pequeno. Por onde passa se torna família daqueles que um dia tiveram sua presença. Nutre amizades e laços, aprende um pouquinho de um lado, ensina muito do outro. Diz que para ele, a escola e o que vem aprendendo pode ser descrito pela palavra “vitória”.

E quando quis saber o porquê ele respondeu sem tempo nem para pausa:

**– Porque eu vou ter vitória em tudo o que eu buscar.**

# Que matemática é essa?

Agosto chove muito no Rio de Janeiro, só não chove mais do que no início do ano, período em que enfrentamos verdadeiras tempestades, principalmente aqui na Baixada Fluminense onde as fortes chuvas são sinônimo de enchentes, alagamentos, falta de segurança pública e saneamento. Essa história, entretanto, se deu logo nos primeiros dias de agosto, em um dia chuvoso, quando os estudantes estão retornando para a escola após recesso escolar. Na EJA, nesse período, muitos passaram de fase e tem por agora o desafio de novos conteúdos e aprendizados. Novos professores e desafios.

Como se já não bastasse as preocupações de uma nova rotina na escola, a cabeça também estava em casa, pois trabalho com artesanato e estava tudo do lado de fora pegando chuva. E chuva braba, viu? Não tinha o que fazer. O jeito era esperar a chuva passar, a aula acabar e assim ir para casa ver o que aconteceu. Torcer para não ser muita coisa. Depois que saí do outro trabalho minha fonte de renda são meus artesanatos, cultura que aprendi em minha cidade natal, perdê-los é perder dinheiro e eu não queria isso. A primeira aula já tinha acabado, ia começar o segundo tempo.

“Nossa... aula de matemática?” Desde nova eu sempre tive muito medo. Enquanto muitos amavam matemática eu sempre achei um negócio surreal. São muitos números. Talvez se quando eu fosse mais nova, sem responsabilidades, tivesse a cabeça que eu tenho hoje, teria aprendido, mas não tive ninguém para me incentivar, então esse medo ficou em mim.

Saí dos anos iniciais no mês passado antes das férias e agora estou na 6ª fase com professores por disciplina e mais assuntos diferentes para aprender. Desde o primeiro dia torcia para que tivessem paciência comigo. Nesse dia, estávamos numa mesma sala, a minha turma e a 7ª fase aprendendo um assunto chamando números inteiros. Quando eu vi o professor explicando aquilo fiquei muito nervosa. “O que era isso? Então a matemática a partir de agora vai ser assim? Não quero mais voltar não”. Fechei o caderno e aguardei a aula acabar. Sinal tocou. Fui correndo para casa ver meus artesanatos. No dia seguinte eu iria resolver a minha situação.

Cheguei na escola, no dia seguinte, e fui procurar a diretora, queria voltar para a minha turma anterior. Não me incomodava de ficar mais alguns meses com as professoras lá de baixo. Não estava pronta ainda para subir. Na verdade, eu queria até desistir. Já tinha tentado outras vezes e a matemática sempre era um empecilho para mim.

Foi quando o professor de Matemática me encontrou saindo da sala da direção e me chamou para conversar. A aula que fiquei nervosa, era em conjunto para as duas turmas e o assunto era focado para a turma da 7ª fase. O professor havia aproveitado a aula de História que já estava no quadro e foi explicar a diferença entre A.C (antes de Cristo) e D.C (depois de cristo) e como podemos representar esses períodos dentro de uma reta numérica de números inteiros, positivo e negativo. Ufa... Foram uns 2 dias para eu gravar tudo isso e conseguir explicar pra vocês. Mas acho que consegui. Vocês entenderam?

Ele disse também, que nossas aulas seriam diferentes. Iriamos começar a conversar nos próximos dias. Me tranquilizou dizendo que não precisaria me preocupar, pois íamos avançar na matemática aos poucos. Com bastante confiança, mas devagarzinho. Fiquei muito mais tranquila. Eu já estava pensando em sair da escola de novo.

Teve um dia que conversando com ele pedi que ele não desistisse de mim na matemática, pois como eu nunca tive ninguém para ficar me incentivando e me ensinando, pra mim era tudo um pouco mais difícil, mas que eu iria me esforçar. Eu podia não saber muito bem as coisas, mas eu tinha noção. Que com paciência eu ia chegar lá.

O professor começou a fazer perguntas para exercitar a nossa mente e fazer a gente pensar e, além disso, ele ainda trazia jogos pra sala de aula. O que eu achei o máximo, pois meu pai jogava muito com seus amigos em nossa cidade quando eu era mais nova. E isso me traz recordações boas. Mexer com a nossa cabeça agora que estamos mais velhos é muito mais difícil. Temos as nossas próprias preocupações e às vezes elas se sobrepõem à sala de aula, mesmo sem a gente querer. Mas é isso, agora temos responsabilidades, uma conta pra pagar, um assunto a resolver... Não é fácil.

Então essas coisas acabam nos atrapalhando muito. Mas quando chega um professor que tem paciência com a gente e olha a gente no olho, a gente se sente muito mais acolhido, sabe? A forma como ele fala, como ele interage com a gente e até quando ele volta no assunto várias vezes para a gente entender. Porque, diferente dos estudantes que estão aqui na parte da manhã e de tarde, voltar a estudar, para nós da EJA, é como mirar num sonho e lutar todos os dias para alcançar ele, mesmo com as barreiras.

Um sonho que, já que ninguém nos incentivou, a gente se incentiva sozinho.

# Uma família chamada EJA

Eu praticamente fiz uma família aqui dentro da escola. Não sei se você já passou por isso ou teve essa sensação. Eu não consigo subir pra minha sala sem falar com todas as professoras e alunos lá debaixo das turmas dos anos iniciais. Bato na porta, peço licença, dou boa noite. Até beijo na testa eu dou se elas deixarem.

Sou muito grato por estar aqui. Não sei nem se vocês tem noção do quanto sou grata. Poder estudar depois de todo esse tempo e depois de tudo o que eu passei é o maior presente que eu poderia ter.

A forma como eu retribuo à escola e todos que trabalham aqui é participando de tudo o que tem, sem vergonha, viu? Eu gosto de vir nas atividades da escola, gosto de ver o que tem no pátio, gosto de falar e ajudar os professores. Eu cheguei já na 5ª fase. Fiquei uns quatro... cinco meses e depois já subi. Mas até hoje falo com todo mundo lá debaixo. Gosto muito desse envolvimento. Nós somos muito poucos, então o que a gente pode fazer é um motivar o outro, dar um sorriso... um abraço... ouvir cada um deles. E eu gosto de tudo isso.

Além disso, eu tô aqui pra aprender. Tô aqui pra estudar. Saio do trabalho cansado, chego em casa e dá só para tomar um banhozinho, trocar de roupa e vir pra escola. Às vezes eu chego um pouquinho atrasado, mas faz parte, né?

Quando eu penso na escola e em estar aqui eu penso logo em aprender tudo o que der. Aprender com os professores, com a escola, com os meus colegas de turma. Pra ter um emprego melhor, uma melhor qualidade de vida pra mim e pra minha família. Eu também quero melhorar a minha leitura, escrever e interpretar melhor. Essas coisas são muito importantes para o dia a dia.

É preciso ser família para compreender essas coisas. E ser família na EJA é querer construir um futuro melhor através da educação, começando por acreditar nela. Porque quando a gente quer mesmo, quer de verdade, a gente ajuda até o nosso professor a nos ensinar. Seja na atenção que damos a eles, nas conversas, nas trocas ou nas experiências que trazemos para a sala de aula.

# O pedido de uma neta

Voltar a estudar não foi tarefa fácil. Quando eu estava com o meu primeiro marido e meus filhos eram ainda pequenos eu decidi voltar a estudar. Isso porque quando o colégio começou a ser construído eu fui trabalhar lá, cozinhando, limpando o chão, sabe? Isso pra poder conseguir que meus filhos estudassem lá.

Meu primeiro marido tinha um nariz muito grande e não queria que as crianças estudassem em colégio público, só particular. Só que ele colocava em um colégio particular, pagava um... dois meses e quando chegava no terceiro mês ele parava de pagar. As crianças começaram a passar vergonha. Eu não queria isso para elas, não. Foi quando eu as tirei desse colégio e levei para a escola em que eu iria trabalhar. Como eu estava dentro de um espaço com várias pessoas falando de estudo pensei que seria bom voltar a estudar também. E comecei. Como eu estudava à noite, deixava as crianças trancadas em casa e ia estudar.

Um dia eu estava no colégio, nessa época eu já estava na 4ª série, e meu primeiro marido começou a gritar na porta da escola com a minha filha. Ela tinha cortado a testa tentando pular o muro, e se machucou. Foi o bastante para ele começar a me ameaçar dizendo que iria me denunciar e que eu deveria abandonar os estudos, pois tinha que cuidar dos nossos filhos e não poderia deixá-los sozinhos.

Nós morávamos em uma vila e meus irmãos também moravam nela. Já havia conversado com eles sobre olhar as crianças enquanto eu estava na escola. Mas nada que eu falasse resolvia o problema. Então eu mesma resolvi aquele escândalo. Saí do colégio e não voltei mais. Fiquei todo esse tempo longe de uma escola. Meus filhos se formaram e hoje têm o trabalho deles e eu me casei de novo e segui feliz.

Só que no início desse ano, estava cuidando da minha neta quando ela pediu que eu a ajudasse em um dever de casa:

- Vovó, a senhora sabe esse dever aqui?
- Ah Isabela, a vovó sabe não.
- Poxa vovó, a senhora não sabe?
- Não, a vovó não sabe.
- Então a senhora faz o favor de voltar a estudar.

Fiquei pensativa no que ela havia me pedido e respondi a ela:

- Tá certo filha, a vovó vai dar um jeito nisso.

Depois dessa conversa eu fui para casa e fiquei pensando no que minha neta havia pedido pra mim. E comecei a conversar com Deus e sentir que eu deveria mesmo voltar a estudar. Eu até leio um pouco, mas muitas vezes eu não sei o que eu estou lendo.

Foi então que eu comecei a buscar uma escola para estudar na EJA à noite. Fui até a escola em que estudei quando era mais nova, mas lá me informam que não tinha mais EJA. Fiquei muito triste e pensei “poxa vida, logo agora que eu estou com vontade de estudar, que eu preciso, não tem”.

Pouco depois apareceu uma professora da escola que me disse:

– Olha, você vai na secretaria de educação do município e se inscreve com esse papel aqui que vou te dar, pois tem um colégio pertinho daqui que tem EJA onde você poderá estudar.

Ela me deu um papelzinho para que eu entrasse pelo site e me inscrevesse. Foi quando eu liguei para o meu filho para que ele me ajudasse:

– Filho, você está aqui no Rio ou em São Paulo?

– Estou em São Paulo mãe, por quê?

– Filho, você pode me inscrever aqui num site? Pois eu vou voltar a estudar.

– A senhora quer mesmo?

– Quero sim, quero voltar a estudar. Mas a inscrição tem que ser pelo site. Você pode fazer pra mim?

– Tá bom mãe, eu faço sim.

Foi quando mandei as informações e ele conseguiu me inscrever. Tinha a escola em que eu estou agora e uma mais perto do centro da cidade, o que para mim seria melhor, pois poderia ir andando para ela. Quando ele me inscreveu disse que a próxima etapa era ir à secretaria de educação para confirmar a inscrição e escolher a escola. Quando cheguei à secretaria, a moça me disse que só iria ter EJA em uma escola, adivinha onde? Sim, a mais distante da minha casa.

– Ah, então eu vou pra casa, obrigada. – respondi à moça que havia me atendido.

Não tinha como eu estudar tão distante de casa, já fiquei pensando na condução e na dificuldade de ir todos os dias. A moça tratou logo de me convencer:

– Não faz isso não, vai para lá estudar sim, tem uma professora que vai ser ótima para você. Você vai gostar muito. – respondeu ela me incentivando.

Fiquei pensando um pouco, mas resolvi tentar. Um dia de cada vez, não é? Tratei logo de conversar com Deus e pedir para que Ele colocasse alguém que eu conhecesse no meu caminho que aí eu teria mais coragem de continuar. Foi quando eu encontrei a Tati, uma das secretárias da escola. Durante anos eu fui passadeira dela quando cuidava da minha mãe.

Disse a ela que havia voltado a estudar, mas que iria começar tudo de novo para poder aprender melhor a ler, a escrever... Foi assim que ela me inscreveu na turma da professora que todo mundo disse que era para eu ir, pois ia gostar muito. Inscrição feita, eu deveria voltar no dia seguinte para minha primeira aula.

No meu primeiro dia de aula outros desafios começaram. “Meu Deus, e a passagem?” eu havia ido esses dois dias para a escola porque meu marido me deu dinheiro para pagar a passagem, mas eu não conseguiria gastar dinheiro todos os dias para vir. Estudar todos os dias seria gastar dinheiro para ir e voltar da escola o que no momento eu não tinha condição de gastar.

Foi quando uma das alunas da minha turma me deu uma blusa dela da escola e assim eu poderia tentar entrar por trás nos ônibus sem pagar. Fiquei muito feliz. Só que às vezes dá certo... às vezes não, né? Tem motorista que não gosta de deixar a gente entrar por trás no ônibus, mesmo se tiver a declaração. Aí o que eu faço: marco o horário certinho do ônibus, tanto pra ir quanto pra voltar, para tentar sempre pegar o mesmo motorista. Como ele me conhece e sabe que eu estudo mesmo, ele me deixa entrar. Se por algum motivo mudar o motorista ou eu me atrasar aí tem que torcer pra dar certo também.

**Olha... eu tenho lutado, viu? E vou lutar até o fim.**

# Autoras



Mariana Barbosa Cassiano é formada em Licenciatura em Matemática pelo Instituto Federal de Educação do Rio de Janeiro e mestranda pelo Programa de Pós-graduação de Ensino em Educação Básica - PPGEB - CAP-UERJ. Possui especialização em Educação Matemática (UCB-RJ). Seu amor pela escrita surge desde nova quando fazia das letras minhas melhores amigas e se colocava a escrever durante horas histórias sentada na escada de sua casa buscando inspiração. Apaixonada pela educação, decide unir seus dois grandes amores na elaboração da pesquisa que culmina neste livro: a educação e a contação de histórias. Católica, engajada em causas sociais, *pjoteira* e franciscana carrega em seu coração a militância, o serviço e o cuidado com a casa comum como aspectos indissociáveis de sua vida.

# Autoras



Gabriela Félix Brião é doutora em Educação Matemática pela UNESP, possui mestrado em Matemática pelo IMPA, graduada em Matemática pela UERJ. É efetiva da UERJ, atuando como docente no PPGEB/ CAP-UERJ. É líder do grupo de pesquisa GEMAT-UERJ, coordenadora de linha de pesquisa do grupo GEPIC (UFRJ). É bolsista Prodocência pela UERJ e bolsista supervisora PIBID pela CAPES.

 **Editora**  
CAP-UERJ

ISBN: 978-65-81735-46-3

  
9 786581 735463